

Nas horas vagas: Porto Alegre dos imigrantes (1880-1914)

Núncia Santoro de Constantino *

Imigrantes são quase sempre pessoas comuns, que deixam poucos traços. Subtraídos os registros relacionados a políticas imigratórias quando, por exemplo, são criadas colônias rurais, a maioria dos imigrantes praticamente desaparece nos desvãos das cidades, silenciando sobre as próprias vidas porque raramente escrevem de si. Cientistas sociais têm investigado as colônias do interior do Rio Grande do Sul, mas são quase inexistentes os estudos pertinentes às cidades, sobretudo sobre as formas de lazer desses europeus que buscaram os núcleos urbanos gaúchos, desde as primeiras décadas do século XIX.

Portanto, o objetivo principal do presente texto é analisar algumas formas empregadas pelos imigrantes para viver o tempo disponível, com atenção à estrutura da sociedade no período e, por isso, levando em conta o pensamento de Corbin, quando aborda a questão dos diferentes tempos sociais e, em consequência, das diferentes formas de desfrutar o tempo livre, pois a indústria do divertimento, iniciada por volta de 1860, não alcança a sociedade em geral. O autor assinala a transformação ocorrida ao longo do século XIX, em cujo início o tempo do camponês, operário, ou artesão era marcado pelo imprevisto e pela espontaneidade, sujeito à interrupção recreativa, ocupado por atividades sem planejamento. Esse tempo relativamente lento seria pouco a pouco substituído pelo tempo calculado, organizado, pautado pela produtividade. Até que, nos meados do mesmo século, com a reorganização dos ritmos de trabalho, impôs-se uma nova distribuição dos tempos sociais. É quando surge uma indústria e uma cultura popular do divertimento citadino. ¹

Conceituando o imigrante a partir de Devoto, posso de antemão afirmar que muitas e variadas foram as formas de usar o tempo livre na cidade, de acordo com a

* Docente e pesquisadora do PPGH- PUCRS. Bolsita CNPq Produtividade em Pesquisa

¹ Alain Corbin. *L'avènement des loisirs: 1850-1960*. Paris: Aubier; Roma: Laterza, 1995.

posição do imigrante na estrutura social e com a reduzida indústria do divertimento para esse imigrante na capital do Rio Grande do Sul. Considero o pensamento de Devoto que envolve na categoria *imigrante* “[...] uma variedade de situações e ocupações e uma multiplicidade de motivos de imigração [...], incluindo os exilados, refugiados, profissionais liberais, artistas, especialistas. Esta concepção mais ampla ajuda “[...] a perceber melhor a riqueza e a variedade do fenômeno”², como também auxilia na percepção das diferentes formas de empregar o tempo livre.

No caso, os imigrantes encontram-se em Porto Alegre no período entre 1880 e 1914, quando ingressaram nos maiores contingentes e o grupo social esteve mais diversificado. Dada a escassez das fontes, busco reconstruir um cenário com as formas de lazer usuais no curso do século XIX, nelas procuro esses estrangeiros, que aparecem em notícias de jornais, em sociedades recreativas e desportivas, em arquivos policiais, na condição de testemunhas, réus ou vítimas.** Busco igualmente dados em reduzida bibliografia, com destaque às publicações de relatos de viagem.

Aceleradas mudanças

O processo de urbanização no Rio Grande do Sul já havia iniciado na primeira metade do século XIX e, no final do mesmo século, era evidente a idéia de cidade como estilo de vida. Porto Alegre encontrava-se em acelerado processo de transformação, marcado pela *modernidade* com sua característica multiplicidade de grupos, a lembrar Bauman.³ A cidade, que apresentava ainda o aspecto das cidades luso-brasileiras, estava sendo alcançada por influências diversas, inclusive nas formas de sociabilidade e lazer. Há muito deixara de ser a acomodada vila, onde o divertimento perpetuava costumes dos açorianos que, segundo o cronista Achylles, amavam “[...] a música, a dança, as representações teatrais, as reuniões de máscaras, as loucuras do carnaval, as cavalhadas, as corridas de touros e as festas do Espírito Santo, as mais populares e gerais do

² Fernando Devoto. *Historia de La inmigración em La Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.p.41-2

** Agradeço à estagiária Egiselda Charão pela pesquisa documental realizada nos arquivos porto-alegrenses.

³ Sigmunt Bauman. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.10

arquipélago”.⁴ Foram essas as diversões compartilhadas por estrangeiros que foram chegando ao longo do século XIX.

No último quartel do mesmo século, o fenômeno da imigração italiana era recente no Rio Grande do Sul, enquanto a imigração alemã acontecia desde 1824, com a fundação da colônia de São Leopoldo. Mas essa imigração italiana logo impressionaria pelos números: 75 mil pessoas entre 1882 e 1914⁵. Ano após ano, o trânsito de imigrantes era intensificado e, entre 1882 e 1889, mais de 82% dos imigrantes ingressados na Província eram italianos⁶.

Pascale Corte, cônsul italiano em Porto Alegre nos primeiros anos da década de 1880, enviou relatório a Roma. Registra que há súditos do Reino da Itália representando todas as profissões, artes e ofícios nas cidades e, especialmente, na capital. Observa que os imigrantes poupam e que, sendo a “colônia” no Rio Grande equivalente à do Uruguai, no país vizinho o Consulado gasta cinco vezes mais com repatriamentos, a demonstrar as boas condições que a Província oferecia aos estrangeiros.⁷

Os fluxos crescentes de imigração e a decorrente polifonia podem ser representados na amostra extraída de um processo que tramitou no Tribunal do Júri de Porto Alegre. Tudo começou com *imbroglio* na residência de Virgínia Nerone, em 1881. Carlo Rosa entrara sem bater, perguntando por “criada” que supunha ali prestar serviços; não obtendo informações, insultou a dona da casa. Encontrava-se naquela casa Valério Ferreira, que tomou as dores pela ofendida e foi agredido com uma *mão-de-ferro*; caiu e teria sido novamente atacado, não fosse um eficiente apartador.⁸ Arrolaram-se seis testemunhas: Frederico Berger, Maria e Carlos Garnier, Carlos Staann, Antonio Zeferino da Rosa e Antonio Crivellaro. No processo aparecem apenas

⁴ Achylles Porto Alegre. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1994. p. 11

⁵ Luís A. De Boni e Rovílio Costa. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul: Universidade de Caxias/Correio Riograndense, 1984. p.68.

⁶ Franco Cenni. *Italianos no Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p.174

⁷ Pascale Corte. *Le colonie agricole italiane nella Provincia di Rio Grande del Sud nel Brasile all'esposizione Nazionale de Torino*. Montevideu: Nación, 1884. Biblioteca del Ministero degli Affari Esteri, Roma. P.64

⁸ Processo n. 1422. Tribunal do Juri. Maço 54. Porto Alegre, Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

dois indivíduos brasileiros, naturais da Província; há um austríaco, um alemão, e a maioria é constituída por italianos: a dona da casa, o réu e a criada por quem procurava, os vizinhos que acudiram, o apartador Crivellaro. O réu é padeiro e proprietário de hospedaria, a moça Rosa é doméstica; Carlos Garnier, com 14 anos, e Crivellaro são trabalhadores jornalheiros. Virgínia afirma viver de rendimentos próprios, mas está escrito que “[...] recebe homens em casa e frequenta casas públicas”. Todos vivem nas imediações da Praça da Harmonia, região que concentra gente pobre e são representativos da condição dos estrangeiros que chegavam à cidade.

Esses imigrantes envolvidos distanciam-se de outros grupos estrangeiros de referência, cuja presença é notada há mais tempo na cidade e cujas sociabilidades são fundamentais porque, através delas, o imigrante ocupará espaços de trabalho, de moradia e de lazer. Tais espaços, portanto, são compartilhados em redes sociais, sejam familiares ou de amizade, entendidas por Lomnitz como fundamentadas na solidariedade e na confiança⁹ No âmbito dessas sociabilidades, assinala-se o lazer em atividades que o imigrante desenvolve livremente, tais como passeios, jogos, freqüência a espetáculos e a bailes, prática de esportes, reuniões em casa de parentes ou amigos.

O professor Coruja, em reminiscências publicadas no Rio de Janeiro, onde viveu desde 1837, recorda infância e juventude em Porto Alegre, sua cidade natal. Fornece informações sobre a vida porto-alegrense naquele período, como lembranças de bailes privados, candomblés, festas religiosas, teatro e carnavais com entrudo.

Por volta de 1850, tais possibilidades de divertimento não apresentavam ainda novidade, conforme o soldado austríaco Joseph Hörmeyer. Esclarece que casamentos e batizados eram festejados do mesmo modo entre brasileiros e alemães; que havia um teatro em construção e outro que funcionava num prédio em ruínas. Lamenta a inexistência de “[...] teatros, soirées, círculos, cassinos ou harmonias [...]”. Afirma que, dentre as festas populares, as mais importantes eram o “Jogo do Entrudo” e festas religiosas em geral, admirando-se quando

⁹ Larissa Adler Lomnitz. *Redes Sociais, cultura e poder*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.p.19

"[...] o respectivo 'santo' é levado em procissão; pessoas mascaradas acompanham-no; são queimados fogos de artifício, tanto na véspera como no próprio dia da festa, não importando que, de dia claro e com sol luminoso, se estoure pólvora por uns 100 ou 1000 réis, sem ter-se outro prazer a não ser estouro e fumaça".¹⁰

Sheakespeare chegou logo à cidade

A situação parece melhor ao olhar de Avé- Lallemand, oito anos depois. O viajante alemão encontrou “[...] gente de raça loura perambulando”, e escutou diferentes dialetos germânicos. Hospedou-se num hotel “germânico” e calculou cerca de três mil alemães numa cidade com vinte mil habitantes. Assistiu representação da peça *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare, no *Teatro Alemão*, que descreve como casa modestíssima, sem lustres e iluminada por trinta velas, com espetáculo divertido também na platéia, constituída pelo seu “[...] querido povo alemão de todas as categorias, [...] famílias inteiras, pai, mãe e meia dúzia de queridas crianças, também pequeninas ainda de peito[...] Diz ainda que a platéia desfrutava o espetáculo, rindo e repetindo as “[...] graças ditas no palco”.¹¹

O Theatro São Pedro estava sendo inaugurado em 1858, luxuoso para a pequena cidade com reconhecida vocação teatral, pois desde 1804 funcionaram teatros. Mas é o *São Pedro* que oferece palco para os principais espetáculos, a bem da verdade caracterizados pelo ecletismo. Em 1869, por exemplo, a Companhia Candiani fazia sucesso, apresentando comédias musicais; em 1880, o espetáculo era conduzido pelo Conde Patrizio, cujo principal número de mágica consistia no “canhonaço”, como lembra Damasceno Ferreira. O autor acrescenta que fizera enorme sucesso a Companhia Francesa de Ópera Cômica, de Félix Verneuil, e a Companhia de Operetas de Braga Júnior. Refere companhias de revista, como aquela “bem arranjada” de Elvira Concetta, lembrando o sucesso que fizeram na cidade atrizes como Rosa Villiot e Fanny, chamada a “Estátua de Carne”.¹²

¹⁰ Joseph Hörmeyer. *O Rio Grande do Sul de 1850*. P.Alegre: Luzzato/Eduni-Sul, 1986. p.75-76

¹¹ Robert Ave-Lallemand. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p.159-60

¹² Athos Damasceno Ferreira. *Imagens sentimentais da cidade*. Porto Alegre: Globo, 1940. p.172-3

Alfred Funke, que esteve em Porto Alegre no final do século XIX, admira-se porque as companhias de operetas e teatros de variedades não deixavam cadeiras vazias, ao contrário dos espetáculos operísticos. Comenta o circo-teatro que apresentava a luxuosa peça *A mulata*, “[...] recheada de audaciosas alusões e piadas de mau gosto, de acordo com o gosto das massas[...]

¹³

Os espetáculos do *São Pedro*, considerados os melhores da cidade, recebiam críticas. Jonin, russo que conheceu Porto Alegre em 1885, visitou Dona De Suza, senhora carioca que dizia passar o verão na campanha, por não suportar a capital na estação, onde o teatro, ainda que instalado em prédio monumental, apresentava cantores de ópera que eram “[...] simples imigrantes italianos, sapateiros e pedreiros”.

¹⁴

Quanto à qualidade dos espetáculos encenados no *São Pedro*, a Princesa Isabel também fez delicadas críticas. Escreveu no seu diário, em 10 de janeiro de 1885:

“Teatro muito bonito, com muita gente, mas música levada das breças. As únicas coisas que se podiam ouvir foram uma menina que tem disposição para a rabeca e um sueco (Stela) que toca igualmente rabeca e me pareceu ter talento. Sua rabeca tem bonito som, infelizmente não tocou só.”

Em 31 de janeiro, a Princesa registra o concerto da Sociedade Filarmônica Porto-Alegrense, que não considerou de todo mau, com coro de boas vozes. O espetáculo musical realizou-se na Sociedade Bailante, “bem bonita”¹⁵, localizada na velha Praça da Matriz, espaço nobre da cidade, cercado pelo Palácio do Governo, Igreja Matriz e Teatro.

Nos clubes, na rua, em casa

Quando o Theatro foi inaugurado, a Sociedade Germânia, primeira do gênero, já funcionava há três anos. Aos poucos, bailes e festas nos clubes representaram novas formas de sociabilidade introduzidas pelos imigrantes alemães. Depois da *Germânia*,

¹³ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1890-1941*. Santa Maria: Anatterra, 2004. p.89

¹⁴ Id. Ibid. p.223

¹⁵ Isabel Condessa D’Eu. “Viagem ao Rio Grande do Sul”. In: *Pesquisas*. Porto Alegre: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1957. p.77

surgiu a *Leopoldina* homenageando a imperatriz austríaca dos brasileiros; em 1903 fundava-se o *Clube Juvenil*. Tornou-se comum, nas noites de sábado, foguetes anunciando bailes que iriam varar a noite, ou *kerbs* que passaram a fazer parte do calendário festivo porto-alegrense.

Em 1860, a *Germânia* ainda era a única do gênero. Reinhold Hensel escreveu que reunia todos os alemães que sentissem “[...] necessidade de entretenimento e sociabilidade”, esclarecendo que no restaurante do clube havia gabinete de leitura, onde lia-se jornais em língua alemã.¹⁶ Logo foi construída a sede própria que, conforme Wilhelm Lacmann, era “sede magnífica [...] no saguão de entrada, estátuas de gesso alusivas à Germânia da Baixa Floresta”; o salão principal [...] adornado com um busto do imperador alemão”¹⁷.

Ernst Von Hesse-Wartegg observa que, entre os alemães, diferentes classes sociais organizaram-se em diferentes sociedades. Descreve uma representação dramática que assistiu na *Germânia*, no início do século XX:

“Os atores, em geral amadores, desempenharam seus papéis de maneira brilhante, a platéia era composta por jovens e encantadoras moças, graciosas senhoras em elegantes trajes e senhores de aparência irrepreensível. Eu poderia imaginar-me participando de um baile na corte de algum príncipe, e a dança que se seguiu foi um verdadeiro baile de corte.”¹⁸

Permaneceram muitas dessas sociedades: *Deutscher Turnerverein*, sociedade de ginástica, os clubes de remo Ruder Club Porto Alegre, Ruder Verein Germania, Ruder Verein Freundschaft, ainda que na guerra mudassem os nomes. Além de clubes desportivos, havia outros de categorias profissionais. Exemplo é o Clube dos Caixeiros Viajantes, “[...] com o seu pequeno reservado só para drinks e decorado com humor[...], como escreveu Alfred Funke, admirado que encontrara clubes alemães “[...] de combatentes e cantores, ginastas e atiradores, ciclistas e remadores, evangélicos e católicos, trabalhadores e comerciantes [...]”¹⁹. Aliás, foram os alemães que introduziram

¹⁶ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Santa Maria: Anatterra, 2004. p.145

¹⁷ Id. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1890-1941*. Op.Cit.p.99

¹⁸ Id. Ibid. p.137

¹⁹ Id. Ibid. p.88

o ciclismo, fundando a sociedade *Blitz*, com sede na rua Voluntários da Pátria. Também eles auxiliaram na divulgação do futebol, com o clube Fuss Ball, primeiro adversário do Grêmio Porto Alegre²⁰.

Na segunda metade do século XIX, o grupo italiano começara a crescer e diversificar. Em 1877 surge a Sociedade *Vittorio Emanuele II*, que permaneceu em atividade até a Segunda Guerra. Seus fundadores eram comerciantes, profissionais liberais, artistas e artesãos, conscientes de uma nacionalidade há pouco instituída. Várias outras sociedades foram sendo fundadas: *Umberto Primo*, *Principessa Elena de Montenegro* e *Società Giuseppe Mazzini*.²¹ Não é de admirar que Ranieri Venerosi publicasse relatório, em 1912, dando conta da existência de seis sociedades italianas em Porto Alegre.²² Uma delas foi a *Canotieri Ducca Degli Abruzzi*, fundada em 1908 com 84 sócios, para desenvolver o remo²³.

Nas águas do Guaíba havia regatas, como também divertidos e perigosos banhos da gurizada, típica diversão informal. No final do verão de 1906, alguns colegiais banhavam-se perto do iate ancorado *São João*. Preso à ponte do barco encontrava-se um bote e o menino Hugo Berta, de 11 anos, aproximou-se a nado e tentou subir, quando recebeu uma pancada com pedaço de ferro, arremessado por tripulante. A vítima submergiu e foi salvo por colegas que testemunharam no processo: Henrique Fuhrmeister, Ernesto Oderich e Carlos Kappert, todos com 13 anos e alunos do “Colégio São Raphael”.²⁴ A referência é feita ao colégio que funcionava na rua São Raphael desde 1896, chamado *Knabenschule des Deutschen Hilfsvereins*, nome difícil, inclusive para o escritor.

²⁰ Entrevista com Sérgio da Costa Franco, a quem agradecemos sugestões.

²¹ Núncia Santoro de Constantino. *O Italiano da Esquina: imigrantes meridionais na sociedade portolegrense*. 2ª Ed. Porto Alegre: EST, 2008.

²² Ranieri Venerosi. Pesciolini. *Le colonie italiane nel Brasile Meridionale: stati di Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná*. Turim: Fratelli Bocca/Italica Gens, 1914. p.149-50

²³ *Cinquantesimo della Colonizzazione Italiana nello Stato del Rio Grande del Sud: 1875-1925*. Porto Alegre, Globo; Roma, Ministero degli Affari Esteri, 1925. p. 462-467

²⁴ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Fundo Polícia de Porto Alegre. Registros de ocorrência. Códice 11. Doravante esse Arquivo será designado pela abreviatura AHRGS.

As formas de sociabilidades no âmbito doméstico são lembradas porque predominantes, ainda que as fontes sejam escassas. Nos registros policiais é possível conhecer detalhes de baile “em louvor de um batizado”, na casa de Hermenegildo Cossich, quando algumas pessoas divertiam-se dançando, em outubro de 1909. Um convidado dispara com arma de fogo, ferindo um dos presentes.²⁵

Jogo de bola, ou o tradicional *boccia*, é transplantado à cidade e reunindo italianos. Num domingo de 1903, na casa do súdito italiano Matheo Ruatta, no Menino Deus, oito homens “entretinham-se em jogar a bola pelo sistema italiano”. Entre eles encontravam-se Luiz Fabris, Luigi Tessarolo, Luca Donato, José Barelli e Gabriel Riolfi, que iniciou troca de ofensas com seus contendores e recebeu golpe no rosto com a pesada bola de madeira.²⁶ Outra ocorrência policial bem mais grave ocorreu na rua Riachuelo, em terreno onde havia cancha de bocha e botequim. Resultou na morte de Leonardo Viafóra, vendedor de bilhetes de loteria, assassinado pelos seus paisanos Ferdinando e Pasqual Donato. Testemunharam o menor Giuseppe, de 8 anos, Alessandro e seu filho Batista Curcio, Luiz Feraca, Francisco Carravita, Francisco Pirillo, Fortunato Mancuso.²⁷

Dentre diversões informais, é possível perceber que antigas tradições de origem foram preservadas. É o caso do *charivari* que se verificou quando Luiz Bertoni, italiano de idade avançada, casou-se com uma “viúva e velha”, em janeiro de 1908. O escrivão registrou: “Como é costume na Itália, sempre que um casal de velhos consorciam-se, pessoas de suas relações vão no dia seguinte à casa dos recém casados afim de troteá-los com foguetes, rufos, etc.” Assim, José Balestrini, Triga Rigo, João Bordini, Ermenegildo Vescovi e Carlos Cressi reuniram-se à noite no botequim de Vicente Monteggia e foram à casa de Bertoni, onde chegaram batendo em latas de querosene e espocando foguetes. O noivo acordou e pediu aos manifestantes que parassem; seu filho Fausto iniciou uma briga, houve tiros e morreu Carlos Cressi.²⁸

²⁵ Id. *ibid.* Códice 12

²⁶ AHRGS. Fundo Polícia de Porto Alegre. Registros de averiguação. Códice 10

²⁷ Id. *Ibid.*

²⁸ AHRGS. Fundo Polícia de Porto Alegre. Registros de ocorrência. Códice 11

Na freqüência dos botequins, é possível inferir formas de diversão compartilhadas por imigrantes, em diferentes momentos de suas trajetórias na cidade.

Comida, bebida, música e jogo

Antes só havia casas-de-pasto, nos becos de má-fama, perto das docas. Foram apenas sete os taverneiros ao tempo do Prof. Coruja. Por volta de 1867, Karl Andréé registrou 19 bodegas e 10 cafés.²⁹ No início do período republicano eram 116 tavernas; 38 botequins, bares e restaurantes; 10 quiosques.³⁰

Wilhelm Breitenbach, no início da década de 1880 detém-se no Mercado, onde encontrou “[...] botequins para marinheiros, instalações de alemães que vendem cerveja [...]”³¹ Dos botequins de baixa categoria dá exemplo Alfred Funke, no final do século, lembrando do letreiro “Grande Casa Mundial”, em uma

“[...] espelunca onde havia um monte de charque, algumas réstias de cebola, um saco de feijão e alguns barris de cachaça. No ambiente sujo havia um negro esfarrapado no balcão, bebia um gole de cachaça e conversava com a portuguesa gorda e reluzente, que administrava essa casa mundial”³².

Provavelmente o estabelecimento mencionado ainda era melhor do que a “casa misteriosa” da Joana Piccola, onde se jogava o *bicho*, no Beco do Oitavo, zona de casebres que concentrava, à mesma época,

[...] gente da pior espécie, mulheres da vida airada e sujeitos com má nota nas crônicas da polícia. Era uma colméia de vagabundos, gatunos, desordeiros, faquistas. Naqueles casebres moravam mulheres, soldados e jornaleros em confusa convivência, por vezes pouco harmoniosas.”³³

²⁹ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Op. Cit. p. 148

³⁰ Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Vol. XXXIV, Rio de Janeiro: IBGE, 1959. p. 68

³¹ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Op. Cit.. p.179

³² Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1890-1941*. Op. Cit.. p. 87

³³ Achylles Porto Alegre. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1994. p. 69-70

O jogo do bicho perturbava as autoridades policiais em 1900, que produziam peças moralistas ao registrar ocorrências: “ [...] O italiano Felice Liotti [...], fascinado com a notícia dos lucros fabulosos que proporciona a rifa denominada jogo do bicho com seu indesejável cortejo de cinismo, mudou-se para esta capital e fez aquisição de uma banca[...]”³⁴

Outros locais visados pelas autoridades eram aqueles em que se jogava roleta e *lansquet*. Proprietário de banca havia sido autuado em janeiro de 1900; tratava-se de Luiz Monza,

“ sem profissão lícita alguma conhecida além da famosa tavolagem que possui [...] estabeleceu outra banca aos fundos do Café Internacional, à rua da Praia, [...] máscara que ainda hoje pretende esconder mais um desses repugnantes covis da mais funesta das depravações de que só tira fartos proveitos, ciente e consciente de toda a espécie de vergonhas e misérias que observa na família e na sociedade- a negra caterva de nefandos vadios e malandros tavoleiros[...]”³⁵

Sobre esse local de tavolagem, Benvenuto Macario, 18 anos, solteiro, italiano, que sabe ler e escrever, presta esclarecimentos na 2ª delegacia. Responde que é empregado no café há mais de cinco anos, que a tavolagem ali funcionando pertenceu a José Viale e Luiz Monza. Por fim, como última testemunha do inquérito policial, afirma Mauro Viale nada ter com o jogo que se realiza no fundo do estabelecimento de seu pai, que é café, confeitaria e bilhar.³⁶

Em alguns locais, além de apostar-se no *bicho*, jogam-se cartas, em manifestação da ociosidade que se combatia. Assim, nos primeiros anos do século XX, o francês José Masson, de 27 anos, foguista e alfabetizado, foi detido por vagabundagem, depois de percorrer algumas “bodegas” para jogar; o italiano José Jorge de 17 anos, solteiro, “jogador” e alfabetizado, foi preso quando vendia cartelas do *jogo do bicho*; ou ainda Luiz Massul, italiano de Nice, 38 anos, solteiro e pintor, que também acabou detido porque jogava.³⁷

³⁴ AHRGS. Fundo Polícia de Porto Alegre. Registro de ocorrência. Códice 08

³⁵ Id. Ibid.

³⁶ Id. ibid.

³⁷ Id. Ibid. Códices 17, 16

Beber e jogar em casa de amigos eram formas de lazer que, às vezes, resultavam em ocorrências policiais. Na casa de Luiz Ferraro, quando um grupo bebia cerveja, os “súditos italianos” Nino Filippi e Pasqual Donato estranharam-se e brigaram com cadeiradas e facadas, testemunhadas pelos parceiros de jogo José Vicente Salatino e Rafael Grecco.³⁸

Nas tavernas onde se jogava, eram frequentes os conflitos por razões diversas. Houve briga com graves ferimentos, envolvendo grupo de brasileiros “pardos” e grupo de espanhóis, homens e mulheres, que gritavam “vivas” à Espanha e “morras” ao Brasil, na taverna de José da Costa, em janeiro de 1897.³⁹

As prisões por embriaguez, assim como aquelas decorrentes de brigas e agressões, contam-se às centenas na virada para o século XX, quando os contingentes de imigrantes não cessavam de alcançar a cidade. Assim, Nicolau Scalzilli queixa-se porque, na festa religiosa da Glória, onde explorava a “corrida de cavalinhos”, em dezembro de 1908, foi agredido pelo cocheiro embriagado Francisco Lopes. Em janeiro do mesmo ano, Pedro Matioli depusera contra João de Faveri, que matou Henrique Rappa, na briga envolvendo outros conterrâneos, como Augusto Melecchi e Raphael Camarota.⁴⁰ Embriagado estava Praxedes da Silva quando agrediu com faca José Stefano, que jogava cartas junto com Miguel Kuplick e João Pedro Fernandes, na cocheira onde trabalhavam.⁴¹

Bebidas havia por toda a parte, inclusive nos estabelecimentos de prestígio quando frequentar a noite já era hábito cosmopolita. Nos melhores hotéis funcionavam restaurantes com cardápios e bebidas importadas. O cronista Achilles lembraria que o Hotel Siglo, alcançou grande fama em determinado período “[...] pela boa música que ali se fazia à noite[...] e também porque ali se hospedavam os integrantes das primeiras grandes companhias de ópera e de opereta que vieram à cidade.”⁴²

Testemunho dá o norte-americano Herbert Smith que visitou Porto Alegre em 1881. Desembarcando, encontrou alemães por todos os cantos, hospedou-se em “um

³⁸ Id. Ibid. códice 11

³⁹ Id. Ibid. , Códice 3

⁴⁰ Id. Ibid. Códice 14

⁴¹ Id. Ibid. Códice 11

⁴² Achilles Porto Alegre. *História Popular de Porto Alegre*. Op. Cit. p.46

hotel alemão”, cujo dono, casado com uma linda mulher também alemã, recebeu-lhe como se fosse um velho amigo. Descreve a limpeza do hotel, elogia a ótima comida e a excelente cerveja ali servida, fabricada em Porto Alegre. Encontrou um único defeito: o nome francês *Hotel Du Brésil*.⁴³

Fabricantes de cerveja foram mais de vinte durante a segunda metade do século XIX, como recorda Athos Damasceno. Muitos dos cervejeiros estabeleceram *chalets* para a venda dos seus produtos, como João Diehl, em 1879, na Rua Voluntários da Pátria; os *Chalets* do Bohrer e do Barth, respectivamente *Ao Pólo Sul* e *Ao Pólo Norte*, na Praça da Harmonia e na Praça da Matriz, ou ainda o *Chalet* do Mathias Hubber.⁴⁴

O mesmo autor salienta que ainda mais numerosos eram os *recreios*: *Campestre*, no Menino Deus desde 1867; *Ferro Carril*, *Rio Grandense*, *Recreio do Mabilde*; *Recreio Familiar*, desde 1894. O *Recreio dos Navegadores*, em Navegantes, oferecia orquestra aos domingos e, na Azenha, foi conhecido o *Recreio de Carlos Obst*, onde se jogava bolão, bebendo cerveja com cantoria. Mais tarde surgiu o *Recreio Harmonia*, junto ao Campo da Redenção, freqüentado pela “fina flor da colônia alemã” onde a cerveja era servida “[...] em grandes copos de louça com tampas de metal, com retratos do Bismarck e do Imperador da Alemanha”.⁴⁵

Havia também recreios mais populares, como o *Lombardo*, no Partenon, onde foi morto o italiano Antonio Franceschi, numa noite de abril de 1897, depois de beber muita cerveja e aguardente em companhia de outros patrícios, fazer desordem e portar-se de forma inconveniente com a esposa de um dos frequentadores.⁴⁶

É sempre destacado o apreço dos porto-alegrenses pelos espetáculos musicais. Damasceno registra as muitas serenatas encontradas na cidade noturna, as bandas que abrilhantaram festas cívicas e religiosas, como aquela famosa regida pelo maestro Mendanha que, desde 1855, organizava concertos e retretas; ou ainda os pequenos

⁴³ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Op. Cit. p.190

⁴⁴ Athos Damasceno. *Colóquios com a minha cidade*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1974. p.173-177

⁴⁵ Athos Damasceno Ferreira. *Imagens sentimentais da cidade*. P.Alegre: Globo, 1940. p.104

⁴⁶ AHRGS. Fundo Polícia de Porto Alegre. Registro de averiguações. Códice 05

grupos musicais que animavam os bailes, com violão, violino e flauta e, mais tarde, com a gaita.⁴⁷

As bandas faziam a animação das ruas, como se pode inferir pela notícia sobre a inauguração da banda do *Club Italiano*, composta por trinta figuras e que percorreu em passeata o centro da cidade, em julho de 1890, atraindo “grande massa popular”.⁴⁸ Poucos dias depois lê-se também no *Jornal do Commercio* que o “belo sexo” solicita insistentemente ao governador do Estado ordens para que alguma banda de música de um dos batalhões apresente-se na Praça da Alfândega, como era costume às quartas-feiras e aos sábados; senhoras e cavalheiros estavam esperando em vão a retreta.⁴⁹

Mas uma cidade que se considere *moderna* não pode prescindir de cafés e de confeitarias, além dos restaurantes. No final do século, aquelas começaram a atrair as damas porto-alegrenses: Boêmia, Central, Confeitaria Nova. Mais tarde foi muito conhecida a confeitaria do Schramm, que Otti Dietze freqüentou como ponto de encontro⁵⁰. Nenhuma dessas casas, entretanto, teria sido mais prestigiada e chique do que a *Rocco*, inaugurada em 1912 e instalada em magnífico prédio de três pisos, cartão postal porto-alegrense.

Os cafés também se multiplicaram como centros de sociabilidade masculina. Em 1870 só havia o *Café da Fama* e Achylles registra que ali só comparecia quem não prezasse a própria.⁵¹ Já no final do século, famosos estabelecimentos atraíam vasta clientela: América, Roma, Guarany, Colombo, Marchetti.⁵² O jornalista italiano Bucelli, descrevendo Porto Alegre em 1905, comenta os cafés existentes na Praça da Alfândega “[...] mais ou menos bonitos, mais ou menos reluzentes de espelhos e mármore [...]” mas sempre pontos eleitos pela juventude[...].⁵³

⁴⁷ Athos Damasceno Ferreira. *Imagens sentimentais da cidade*. Op. Cit. p.130-131

⁴⁸ *Jornal do Commercio*, Porto Alegre, 7 de julho de 1890.

⁴⁹ *Jornal do Commercio*. Porto Alegre. 17 de julho de 1890.

⁵⁰ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre:1890-1941*. Op. Cit. p.137

⁵¹ Achylles Porto Alegre. *Flores entre ruínas*. P.Alegre: Wiedmann, 1920. p. 19

⁵² Athos Damasceno. *Colóquios com a minha cidade*. Op. Cit p.79

⁵³ Vittorio Bucelli. *Um viaggio a Rio Grande Del Sud*. Milão: L.F. Pallestrini, 1906. p.79.

Certamente tais cafés não eram como aqueles botequins que Vittorio Alessandro visitou um a um, em março de 1896. Tripulante do vapor *Garibaldi*, que ligava Porto Alegre ao interior, envolveu-se em briga junto a amigos que foi encontrando pelo caminho dos botequins. Dessa briga resultou a morte dos italianos Augusto Deambri e Giovanni Bertoncelli, numa verdadeira batalha campal, que contou com a forte participação de estrangeiros residentes na cidade: João de Favero, Pedro Angelo Gastaldoni, Arthur Zimmermann, Henrique Dupont, Albino Daherkord, Carlos Camacho e Horacio Schreiner.⁵⁴

Analisando os registros policiais do período, verifica-se que os botequins não podiam ser associados à *selecta freguesia*. Neles ocorriam com maior frequência brigas mais ou menos violentas, como aquela entre italianos no botequim de Francisco Bloise, à rua Riachuelo, envolvendo outros paisanos: Paschoal Severino e Paschoal Maranghello, que feriu a faca Rocco Faillace.⁵⁵

Os quiosques, como os botequins, foram conhecidos pelos modestos freqüentadores, que ali paravam para beber um trago, em plena rua e na praça, por excelência os espaços do lazer popular, onde se podia passear nas horas livres.

Festejando na rua

Os antigos largos deram origem às praças: Largo da Forca, da Alfândega, da Matriz, do Paraíso, que se transformaram na Praça da Harmonia, da Alfândega, da Matriz, Praça Quinze. Espaços que mudavam de nome, à medida que mudava o cenário político.

A Praça da Matriz sempre foi a mais imponente: sítio da igreja e dos governantes, cercada pelo Theatro e pela Bailante, espaço preferencial para festas religiosas e cívicas. Sobre a festa do Divino Espírito Santo, a mais antiga da cidade, o cronista José Cândido Gomes escreve, nos meados do século XIX, que “[...] nas casas não ficavam senão os papagaios e algum gato coxo; do senhor até o cozinheiro toda a família estava na praça [...]”.⁵⁶

⁵⁴ AHRGS. Fundo Polícia de Porto Alegre. Registro de ocorrência. Códice 01.

⁵⁵ Id. Ibid. Códice 04

⁵⁶ Apud Sérgio da Costa Franco. *A velha Porto Alegre*. Porto Alegre: EST; Canadá, 2008. p.84

A tradicional quermesse é lembrada em diferentes momentos. Wilhelm Lacmann, em 1903, recorda a praça onde esteve por várias noites: iluminada com lâmpões, enfeitada com guirlandas e bandeiras, com as tendas multicoloridas onde “[...] damas da alta sociedade apareciam como vendedoras [...]”. Reclama porque, no fim da festa, há queima de fogos, e explica que este é o costume de toda a comemoração, civil ou religiosa, no Brasil.⁵⁷ A mesma coisa havia dito Hörmeyer quanto a procissões, em 1850, acrescentando que as festas mais populares da cidade eram aquelas de igreja e o jogo do entrudo.

Dia de procissão continuou sendo por muito tempo dia de alvoroço, como recorda Damasceno Ferreira. Descrevendo aquela de Corpus Christi, que iniciava pela manhã depois da missa na Catedral, e percorria o Centro até retornar à Capela do Império, onde seria encerrada a cerimônia. Dela faziam parte os alunos dos colégios e os internos nos asilos, as ordens religiosas e as irmandades, a desfilar entre as pessoas que assistiam nas calçadas.⁵⁸

Completamente diferente dessa procissão de *Corpus Christi* é a Festa de Navegantes, com seu acentuado caráter popular. A primeira festa realizou-se no final de janeiro de 1871, com missa cantada, orquestra regida pelo Maestro Mendanha, procissão fluvial, *Te Deum* e queima de fogos.⁵⁹ Começou no Arraial do Menino Deus, depois transferiu-se para o Arraial de Navegantes, junto à capelinha recém construída. Desde então, no dia 1º de fevereiro, a imagem de Nossa Senhora é transportada para a igreja do Rosário, de onde retorna por via fluvial para a igreja de Nossa Senhora dos Navegantes. Achylles registra que, nos primeiros anos do século XX, “[...] nos dois dias de festa, o movimento popular era formidável na Praça da Alfândega, ponto de bondes, e no cais do mercado, onde grande massa ia tomar o vapor para o arraial [...]”⁶⁰

No meio da multidão festiva são inevitáveis os conflitos que interrompem a alegria. Angelo Renoldi, italiano de 40 anos, sofreu agressão no dia 3 de fevereiro de

⁵⁷ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre (1890-1941)*. Op. Cit. p. 97

⁵⁸ Athos Damasceno Ferreira. *Imagens sentimentais da cidade*. Op. Cit. 1940. p.146-7

⁵⁹ Henrique Licht. *Nossa Senhora dos Navegantes: Porto Alegre, 1871-1995*. Porto Alegre: UE, 1996. p. 19

⁶⁰ Achylles Porto Alegre. *História Popular de Porto Alegre*. Op.Cit. p.84-85.

1898, retornando da festa no arraial de Navegantes, depois de ouvir as “mais difamantes e torpes injúrias de baixo calão”.⁶¹ Em 1906, Natale Castaguedi, ferreiro, achando-se na praça Navegantes, em 2 de fevereiro, viu, entre a capela e o carrossel, Vincenzo d’Agosto que passeava com uma mulher a quem Colimério Barreto “bisnagou”. Vincenzo e Colimério atracaram-se em luta corporal, tendo esse morrido em consequência de facadas.⁶²

Outra festa que alterava o ritmo da cidade era o Natal no Arraial do Menino Deus que, desde 1853, já possuía a sua igreja. Na véspera, à noite, bandas de música marchavam rumo ao templo, registrava-se um grande movimento, com tálburis, carroças, carretas, grupos de jovens bem montados, “[...] e a arraia miúda com trouxas à cabeça e samburás atulhados de garrafas e fiambres.” Continua Achylles lembrando o presépio, o repique do sino, a Missa do Galo.⁶³

Mas a antiga festa com o presépio na velha tradição açoriana foi sendo substituída. Como disse Damasceno Ferreira, os alemães, ao imigrarem para o Rio Grande, “[...] trouxeram no fundo do baú, junto com a cerveja [...] a sua *Weinachtsbaun*. O pinheirinho com velas coloridas, rodeado de caramelos e brinquedos [...]”.⁶⁴

O tradicional Natal do Arraial do Menino Deus desapareceu, como o antigo carnaval do entrudo, que acontecia na terça-feira gorda e nos últimos três dias do carnaval, mesmo quando na Europa já se fazia o *corso*, com confetes e serpentinas, conforme Hörmeyer. Diz ainda que, em Porto Alegre,

[...] são atiradas bolas de cera do tamanho de uma pequena laranja nos passantes, enchidas com água-de-cheiro ou mesmo água do poço; esses (passantes) atiram de volta a mercadoria, o que leva, usualmente, ao ponto de que casas e quartos sejam invadidos e, por falta de munição de cera, se lance mão de baldes de água, molhando-se a valer [...].⁶⁵

⁶¹ AHRGS. Fundo: Polícia de Porto Alegre. Registro de Ocorrências. Códice 05

⁶² Id. Ibid.. Códice 11

⁶³ Achylles Porto Alegre. *História Popular de Porto Alegre*. Op.Cit p. 97-8

⁶⁴ Athos Damasceno. *Imagens sentimentais da cidade*. Op. Cit p.159

⁶⁵ Joseph Hörmeyer. Op. Cit. p.76

Desde 1809, quando o poder público comemorou a Restauração em Portugal, já houve um carnaval oficial na cidade, festejado com o entrudo⁶⁶. Muito famoso parece ter sido aquele entrudo patrocinado pelas *Senhoras Ângelas*, à Rua Nova, “[...] que abriam suas portas de par em par para obsequiar os transeuntes com esguichos de seringa, quando não os levavam a tomar banhos de água fria nas grandes gamelas e bacias que tinham na sala”, conta o Prof. Coruja.⁶⁷

O entrudo era uma forma popular de manifestação que, como outras, passou a ser uma “diversidade incômoda”, na expressão de Lazzari. Contra essa diversidade manifestavam-se “[...] os defensores de um ‘Carnaval’ culto e sofisticado, portador de um significado único e superior, privilégio de uma elite selecionada”. Assim, em 1873, foram fundadas as sociedades carnavalescas *Venezianos e Esmeralda*, inspiradas no carnaval da Corte. Em 1880 a Sociedade Germânia já está associada aos festejos de Momo, desfilando de quatro em quatro anos e, antes do final do século, outras sociedades teuto-alemãs estariam também no préstito alegórico: *Gemmeinütiziger*, *Leopoldina*, *Turner-Bund*, *Ruder Club*, como registrou Lazzari⁶⁸

Amand Goegg, em 1880, afirmava que o carnaval de Porto Alegre era o “[...] o mais espetacular de todo o Brasil[...] e que os sócios da *Germânia* muito contribuíram [...] com grandes e excelentes desfiles públicos, através de representações jocosas.” Esclarece que esta sociedade, assim como outras, realizava bailes de máscaras no Salão Roth, “extraordinariamente luxuoso”. Admirou-se com a apresentação de duas “sessões de capas” por senhores e senhoras, “à moda de Mogúncia e Colônia”.⁶⁹

Os salões de gala ou os desfiles com bandas de música, as ricas fantasias e carros alegóricos, os reis momos e as rainhas faziam parte de um carnaval que, para muitos, podia ser apenas visto. Athos Damasceno ironiza, escrevendo que “[...] para a

⁶⁶ Athos Damasceno. *Imagens sentimentais da cidade*. Op. Cit. p.180

⁶⁷ Antônio Álvares Pereira Coruja. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1996. p. 64

⁶⁸ Alexandre Lazzari. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Cecult, 2001. p.29-31;161

⁶⁹ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Op. Cit. p.175-6

cafagestada, era o ‘maxixe’. Em barracões e em prédios desocupados, no centro e nos arrabaldes, os bailes públicos formigavam”.⁷⁰

Mas é fato também que, fora dos salões, as ruas se enchiam de gente, como na noite de 15 de fevereiro de 1908, quando alunos da Escola de Guerra acompanhavam à paisana o cordão carnavalesco “Chove não molha”, em grande folia. Até que entraram numa casa da rua da Praia, onde funcionava o sindicato dos Operários Alfaiates, encontrando reunidos alguns rapazes que tratavam de fundar uma liga anti-militarista. Os invasores promoveram grande desordem, quebrando móveis, rasgando documentos, dando bengaladas e, por fim, atirando em Antonio Aguado e Adão Pesce, que estavam em companhia de Stefano e Adão Mikalski, Bibiano Bertoja, Jacob Conrado, Joaquim Hoffmeister e Afonso Breyer.⁷¹

Na verdade, o carnaval popular de rua resistiu, como se vê em matéria do *Jornal do Commercio*, publicada em 1910, evidenciando contrariedade: “Até adiantada hora da noite, perambulavam pela cidade os sempiternos pulhas, os sujos de todos os anos, os infatigáveis grupos de *bahianas*, dominós desenxabidos de todos os tempos, os *Zé Pereiras*, tocadores de violão”.⁷²

As ruas e as praças continuavam sendo de todos, principalmente quando aconteciam procissões e festas, inclusive as cívicas. Nas comemorações do aniversário da Independência, em 1881, Hugo Zöller registrou que a maioria das lojas fecharam, cavalheiros foram “em completa *toilette*” cumprimentar o presidente da Província; depois seguiram em cortejo ao *Te Deum*, sob o espocar dos foguetes, antes do baile promovido por oficiais da Guarda Nacional. Ao mesmo tempo, “[...] a moçada da rua, à qual ninguém veda o direito aqui, formou fileira [...] Uma antiga cantora da Ópera de Berlim, a Sra. Blume, cantou o hino nacional e [...] seguiram-se os três vivas habituais”.⁷³

Já em novembro de 1898, comemorava-se a proclamação da República; Herrmann Meyer descreve os festejos nas ruas enfeitadas com bandeiras e lâmpadas, por onde passavam bandas de música. Observa que os [...] cafés encontravam-se

⁷⁰ Athos Damasceno Ferreira. *Imagens sentimentais da cidade*. Op. Cit. p. 184

⁷¹ AHRGS. Fundo Polícia de Porto Alegre. Registro de ocorrência. Códice 11.

⁷² Apud Alexandre Lazzari. Op. Cit. p.28

⁷³ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Op. Cit. p. 200-202

abarrotoados de gente, [...] as damas elegantes acotovelavam-se [...] no *trottoir*, indiferentes à correria e aos foguetes que explodem sobre e, por vezes, entre a multidão”. Na verdade, houve por dias seguidos uma sucessão de festas, começando por uma “bela regata” e por desfile da Brigada Militar, e finalizando com bailes.⁷⁴

Refere-se certamente aos cafés da Praça da Alfândega, ponto de convergência popular e uma das principais praças da cidade. Era outro espaço de sociabilidade, sempre muito movimentada, concentrando quiosques e engraxates. Por ali passava gente que descia pela Ladeira, que subia do porto, que fazia o *footing* na Rua da Praia.

Quando Nicolau Dreys olhou a cidade, na década de 1820, encontrou na praça o edifício da Alfândega, com assentos em ambos os lados do prédio; afirmou ser ali possível fazer um passeio que possuía “[...] seu merecimento para respirar-se a frescura das águas, nas belas noites de verão”.⁷⁵

Bem mais tarde, além dos inúmeros cafés, diante da praça estava o elegante *Hotel Brésil* que hospedou Bernhard Schwarz, em 1900. Da sacada do seu apartamento, viu “na sombra das palmeiras, várias pessoas ociosas (que) permaneciam sentadas nos bancos de madeira durante todo o dia, desde aristocráticos janotas brancos como também miseráveis proletários negros”.⁷⁶

Tão importante foi essa praça, que jovens romancistas usaram-na como cenário, em livro publicado em 1897: “Como era noite de retreta, uma banda de música tocava na Praça da Alfândega, em cuja alameda mal iluminada grupos de moças e rapazes passeavam, acotovelando-se [...]”.⁷⁷

Tanto a praça da Alfândega como a Quinze foram largos de quitanda que se transformaram em jardins na segunda metade do século XIX; a última foi cercada por gradil, com lago, pequenas pontes e grutas. Mas, mesmo aformoseada, “[...] a gente que a freqüentava traía-lhe, fora feira livre e conservava o perfume [...]”⁷⁸ Massimiliano

⁷⁴ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre :1890-1941*. Op Cit. p.54-55-56

⁷⁵ Nicolau Dreys. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1961. p.100

⁷⁶ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre:1890-1941*. Op. Cit. p. 76.

⁷⁷ Mário Totta; Paulino Azurenha; Souza Lobo. *Strychnina*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, 1997 p. 84

⁷⁸ Athos Damasceno Ferreira. *Imagens sentimentais da cidade*. Op. Cit. p.30

Cesario, italiano, solteiro, jornalista e analfabeto, parece exemplo dessa gente que traía. Foi preso, em fevereiro de 1900, por tentativa de roubo naquela praça, suspeitando-se “[...] com bom fundamento ser um dos batedores de carteira” que ali atuavam.⁷⁹ Naquele mesmo espaço, seis anos depois, Francesco Arguisolo, natural de Milão, 29 anos, também é preso por tentativa de furto.⁸⁰

A proximidade com o cais e com o Mercado mantinha ali uma concentração popular; no largo fronteiro instalavam-se circos ou realizavam-se bailes carnavalescos. Com a República, transformou-se na Praça Quinze de Novembro, já com um chafariz no centro e afastadas as carretas que faziam ponto. Foi quando construíram um famoso *chalet* que ali está até hoje.⁸¹

A praça Quinze, mais tarde junto aos abrigos dos bondes, foi sempre freqüentada pela “arraia miúda”, utilizando a expressão corrente, como foi quase sempre a Praça da Harmonia, antigo Largo da Forca. Achylles informa que mudou de nome, por volta de 1858, foi ajardinada e murada à beira do Guaíba, muro que servia como banco; cercaram-na com grossas correntes presas a canhões confiscados nas guerras platinas. Tornou-se lugar de passeio, depois de recreio, quando instalaram o “skating rink”. A mania da patinação acabou e ali apareceu um botequim, longe de olhares indiscretos; virou então *rendez vous* noturno “[...] e os bancos, onde outrora os poetas buscavam inspiração no Guaíba, transformaram-se “[...] em divãs de serralho ao ar livre[...] . Por isso,[...] a Intendência decretou um dia a derrubada das velhas e grandes árvores”.⁸²

Também espaço popular foi considerada a Várzea, sucessivamente chamada Campo do Bom Fim e Campo da Redenção, homenageando a libertação dos escravos na cidade, em 1884. Em 1935 transformou-se no Parque Farroupilha, festejando o centenário da dita Revolução. Foi ali que, em 1897, Eduard Reineck assistiu uma parada da Brigada Militar, com cerca de mil homens e com música, enquanto “[...] explodiam os intermináveis foguetes[...]” Também foi no Campo da Redenção que encontrou

⁷⁹ AHRGS, Fundo Polícia de Porto Alegre- Registros de Ocorrência, Códice 17

⁸⁰ Id. Ibid. Códice 17

⁸¹ Sérgio da Costa Franco. *Porto Alegre: Guia Histórico*. Porto Alegre:Ed. da Universidade/UFRGS, 1992. p.342-345

⁸² Achylles Porto Alegre. *História Popular de Porto Alegre*. Op. Cit. p 35-36

instalado um carrossel “muito simples que [...]deveria servir de divertimento para jovens”.⁸³

Teria sido esse carrossel a denominada “tenda de cavallos mechanicos” cuja concessão pertencia em 1898 ao italiano Ângelo Votto, de 30 anos, casado e alfabetizado? Pois Votto ocasionou ferimentos mortais em Américo Antonio da Silva, que o chamara de “gringo ladrão”, porque não teria devolvido o troco pelo pagamento de uma “corrida” nos tais “cavallos mechanicos”.⁸⁴

Mantendo algumas tradições, afirmava-se a cultura pública que incluía novas formas de sociabilidade e a construção de um novo estilo de vida característico da virada para o século XX. A palavra *público* passou a significar também uma região da vida social, como ensina Sennet.⁸⁵ Além do mais, a iluminação favoreceu a segurança, “até que a multidão se sentisse em casa em plena rua também à noite”.⁸⁶ E a Rua dos Andradas, eternamente chamada *Rua da Praia*, transformou-se por excelência no palco dessa *modernidade*.

Rua da Praia, já sem praia e sem rio.

Referindo-se à Rua, em 1971, Nilo Ruschel escreveu ter sido, entre outras coisas, termômetro da opinião pública, coração da vida cidadina, confluência dos boatos, picadeiro de vaidades, escoadouro dos jornais e dos pasquins, reduto da mocidade. De rua com “[...] liteiras conduzindo damas às compras e ginetes bem montados[...] tornou-se, rua de multidões, “[...] estuário do *footing*, vitrina movediça da beleza feminina ao entardecer.”⁸⁷

Rua da Praia das manifestações políticas, como aquela de 1º de maio de 1897, quando desfilava um préstito em algazarra na *Festa dos Operários*, e que culminou com

⁸³ Valter Antonio Noal filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre :1890-1941*. Op. Cit. p.51-56

⁸⁴ AHRGS. Fundo Polícia de Porto Alegre. Registro de ocorrência policial. Códice 05

⁸⁵ Richard Sennet. *O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. S.Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. p.116-118

⁸⁶Walter Benjamin. Poesia y Capitalismo: Iluminaciones II. Madri: Taurus, 19654. p. 65-6

⁸⁷ Nilo Ruschel. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: Editora da Cidade, 2009. p.39

ferimentos em Henrique Brücker, que conclamava pedreiros no alto de um andaime a pararem de trabalhar.⁸⁸

Balizada pela Praça da Harmonia, interrompida pela Praça da Alfândega, distanciando-se do Guaíba por sucessivos aterros, foi sempre a rua principal da cidade. Nas primeiras décadas do século XIX é sobretudo uma rua de comércio. Saint-Hilaire reconheceu-a como “extremamente movimentada” pelo trânsito de pessoas a cavalo ou a pé. Já era provida então “[...] de lojas muito bem instaladas, de vendas bem sortidas e de oficinas de várias profissões.”⁸⁹ Como a rua mais extensa e importante da cidade viu-a Nicolau Dreys, admirado com as casas geralmente altas, “[...] de estilo elegante e moderno, quase todas habitadas por negociantes [...]”.⁹⁰

Nas últimas décadas do mesmo século, Wilhelm Breitenbach encontrou-a como uma linda e larga rua, com lojas finas, modistas, joalherias, “[...] os grandes magazines do vestuário, diversas alfaiatarias alemãs, chapelarias de alemães, duas livrarias brasileiras e duas alemãs, que também possuem tipografias, diversos hotéis, [...]”. Encanta-se com a rua nas noites de verão, bem iluminada e movimentada, as elegantes lojas abertas “[...] com grandes espelhos como nas cidades européias”.⁹¹

Também Victor W. Esche descreve a rua, visitada na mesma década de 1880, sublinhando o passeio nas noites bonitas, quando as damas também fazem compras. Observa os tipos humanos que cruzam, estranhando suas diferentes cores, “[...] desde o branco como a neve até o preto profundo [...] a cantoria dos negros carregando fardos, as melodias monótonas dos músicos de rua italianos, a gritaria dos italianos que se encontram em todo lugar oferecendo bilhetes de loteria [...]”. Uma rua na qual, em 1903, Wilhelm Lacmann encontra “[...] negros de todos os matizes, luso-brasileiros, italianos e alemães [...] rostos orientais [...]”, explicando que a cidade já possuía comerciantes sírios, que até mesmo publicavam um jornal em árabe.⁹² Rua polifônica, bem diferente daquela

⁸⁸ AHRGS. Fundo Polícia de Porto Alegre. Livro de Registro de Ocorrência Policial. Códice 3

⁸⁹ Auguste de Saint-Hilaire. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997. p.43

⁹⁰ Nicolau Dreys. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1961. p.100

⁹¹ Valter Antonio Noal Filho e Sérgio da Costa Franco. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890..* Op. Cit. p.183

⁹² Id. Ibid. p.232; 127;96

dos meados do século, quando Hormeyer descreveu a *Malhação de Judas*, no sábado de Aleluia:

[...] na Rua da Praia, de 20 em 20 metros, são fincadas árvores em cujos galhos são penduradas figuras de homens e mulheres nos mais diversos trajes [...] a um sinal dado, às doze horas do meio-dia, é posto fogo numa figura após outra[...] e é realmente divertido de se ver como, sob o júbilo gritante da população negra que enche as ruas, ora um chapéu de Panamá, ora uma coifa de uma vendedora de peixe, aqui uma bota de montar e lá uma anágua, estourarem no ar [...]rostos de mulheres e moças [...] enfeitam todas as janelas e balcões.”⁹³

O jornalista Nivaldo Coaracy retornou à Porto Alegre em 1913. Escreveu que a cidade apresentava "progresso material", com modernos aspectos da vida; havia "maior requinte de hábitos", e uma "multiplicidade de casas de diversão, clubes novos, maior apuro nas confeitarias e restaurantes." ⁹⁴

E a Rua da Praia era a vitrine da capital dos gaúchos, confluência da cidade, pela qual transitaram, na virada para o século XX, milhares de imigrantes. Muito trabalharam e desfrutavam dos seus cafés e botequins.⁹⁵ Promoveram manifestações, assistiram e fizeram o *footing* em diferentes tempos. Frequentaram a rua e as praças, fizeram da Rua da Praia o seu *boulevard*, apreciando as vitrines já iluminadas pela luz elétrica no início do século XX.

Às vésperas da Primeira Guerra, ao entardecer de 14 de março de 1914, aniversário do patrono da *Società Italiana di M. S. Vittorio Emanuele IIº*, os sócios desfilaram pela Rua da Praia, acompanhados pela banda do 10º Regimento. Dirigiam-se à sede, na Rua Sete de Setembro, certamente cansados, depois de um dia movimentado na chácara Mostardeiro, em *Moinhos de Vento*, com sorteios, tiro ao alvo, jogo de bocha.⁹⁶

⁹³ Joseph Hörmeyer. Op. Cit. p. 76

⁹⁴ Vivaldo Coaracy. *Encontros com a vida: memórias*. R. de Janeiro: José Olympio, 1962. p.144

⁹⁵ Núncia Santoro de Constantino. “Urbanização e Imigração: Porto Alegre na virada para o séculoXX- o esboço do cosmopolitismo”. In: María Cristina Longinotti (org.) *El fin de siglo: El hombre y su tiempo*. Tomo II. Buienos Aires: Universidad Catolica Argentina, 1998.

⁹⁶ Porto Alegre, Jornal do Commercio, 17 de março de 1914.

Trabalharam, divertiram-se enquanto construía uma identidade étnica, organizando comemorações relativas às pátrias de origem. Fizeram música, dançaram, participaram de festas cívicas, religiosas e populares. Desejaram ver a cidade e, depois, quiseram ser por ela vistos, como tantos outros imigrantes que, em Porto Alegre, numa grande variedade de situações e de ocupações, também introduziram novas sociabilidades e formas de lazer.